

O Livro de Urântia

<< [Documento 101](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 103](#) >>

Documento 102

Os Fundamentos da Fé Religiosa

102:0.1 (1118.1) PARA o materialista descrente, o homem é simplesmente um acidente evolucionário. As suas esperanças de sobrevivência estão ligadas a uma ficção que é da sua imaginação mortal; os seus medos, amores, aspirações e crenças não são senão a reação de uma justaposição incidental de certos átomos de matéria sem vida. Nenhum aparato de energia, nenhuma expressão de confiança pode transportá-lo depois do túmulo. As obras devocionais e o gênio inspirado dos melhores dos homens estão condenados a ficar extintos pela morte, pela noite longa e solitária do esquecimento eterno e da extinção da alma. O desespero sem nome é a única recompensa por viver e labutar sob o sol temporal da existência mortal. Sem piedade e lentamente, mas a cada dia de modo mais certo e apertado, a vida imprime sobre esse indivíduo a sua garra de condenação sem piedade, a qual um universo material

hostil e implacável decretou fosse o insulto a coroar tudo aquilo que é belo, nobre, elevado e bom nos desejos humanos.

102:0.2 (1118.2) Contudo, não é esse o fim, nem o destino eterno do homem; essa visão não é senão o grito de desespero proferido por alguma alma errante que ficou perdida nas trevas espirituais, e que bravamente continua debatendo-se dentro dos sofismas mecanicistas de uma filosofia materialista, cega pela desordem e pelas deformações de uma erudição tornada complexa. E toda essa condenação às trevas e todo esse destino de desespero ficam, para sempre, dissipados por um esforço valente de fé da parte do mais humilde e iletrado entre os filhos de Deus sobre a Terra.

102:0.3 (1118.3) Essa fé salvadora tem o seu nascimento no coração humano, quando a consciência moral do homem compreende que os valores humanos podem ser transladados do material para o espiritual, na experiência mortal, do humano até o divino, do tempo até a eternidade.

1. As Garantias dadas pela Fé

102:1.1 (1118.4) O papel do Ajustador do Pensamento em si é a explicação de como se dá o traslado do senso do dever primitivo e evolucionário do homem até aquela fé mais elevada e mais certa nas realidades eternas da revelação. Deve haver fome de perfeição no coração do homem, suficiente para assegurar-lhe a capacidade de compreender o caminho que, pela fé, que leva à realização suprema.

Se um homem escolhe fazer a vontade divina, ele saberá o caminho da verdade. Torna-se literalmente verdade que “as coisas humanas devem ser conhecidas, para serem amadas, mas as coisas divinas devem ser amadas, para que sejam conhecidas”. No entanto, as dúvidas honestas e o questionamento sincero não são pecado; tais atitudes significam meramente uma demora na jornada progressiva no sentido de alcançar a perfeição. Uma confiança de criança assegura a entrada do homem no Reino da ascensão celeste, mas o progresso depende inteiramente do exercício vigoroso da fé robusta e confiante do homem amadurecido.

102:1.2 (1119.1) A razão da ciência é baseada nos fatos observáveis do tempo; a fé da religião baseia o seu argumento no programa espiritual da eternidade. O que o conhecimento e a razão não podem fazer por nós, a sabedoria verdadeira aconselha-nos a permitir que a fé realize, por intermédio do discernimento religioso e da transformação espiritual.

102:1.3 (1119.2) Devido ao isolamento, depois da rebelião, a revelação da verdade, em Urântia, tem sido confundida, com muita freqüência, com as afirmações de cosmologias parciais e transitórias. A verdade não muda de uma geração para outra, mas os ensinamentos ligados a ela sobre o mundo físico variam, de um dia para o outro e de ano para ano. A verdade eterna não deveria ser desprezada, mesmo que venha acompanhada de idéias obsoletas a respeito do mundo material. Quanto mais souberdes da ciência, tanto menos certos podereis estar; quanto mais de religião *tiverdes*, tanto mais seguros estareis.

102:1.4 (1119.3) As convicções da ciência procedem integralmente do intelecto; as certezas da religião brotam das próprias fundações da *personalidade inteira*. A ciência oferece apelo ao entendimento da mente; a religião apela à lealdade e à devoção do corpo, da mente e do espírito, e mesmo à personalidade como um todo.

102:1.5 (1119.4) Deus é tão inteiramente real e absoluto que nenhum sinal material de prova, e nenhuma demonstração ou forma de pretenso milagre pode ser oferecida em testemunho da Sua realidade. Nós sempre O reconheceremos, porque confiamos Nele, e a nossa crença Nele é integralmente baseada na nossa participação pessoal nas manifestações divinas da Sua realidade infinita.

102:1.6 (1119.5) O Ajustador do Pensamento residente infalivelmente desperta na alma do homem uma verdadeira sede e busca da perfeição, junto a uma curiosidade de longo alcance, que só pode ser satisfeita de modo adequado pela comunhão com Deus, a fonte divina desse Ajustador. A alma faminta do homem recusa-se a se satisfazer com algo menor do que alcançar pessoalmente o Deus vivo. Deus deve ser bem maior do que uma personalidade moral elevada e perfeita, entretanto, perante o nosso conceito faminto e finito, ele não pode ser nada menos.

2. Religião e Realidade

102:2.1 (1119.6) Mentes observadoras e almas de bom discernimento sabem distinguir a religiosidade quando a sentem nas vidas dos seus semelhantes. A religião não precisa ser definida; todos nós conhecemos os seus frutos sociais, intelectuais, morais e espirituais. E tudo isso advém do fato de que a religião é propriedade da raça humana; ela não é filha da cultura. Bem verdade é que a percepção que se tem da religião é humana e, portanto, sujeita às algemas da ignorância, à escravidão da superstição, às fraudes da sofisticação mundana e às ilusões das filosofias falsas.

102:2.2 (1119.7) Uma das peculiaridades características da segurança religiosa genuína é que, não obstante a absolutez das suas afirmações e da firmeza da sua atitude, o espírito da sua expressão é tão equilibrado e ponderado que nunca transmite a mais leve impressão de auto-afirmação ou de exaltação egoísta. A sabedoria da experiência religiosa é algo como um paradoxo, pois ela tem uma origem humana, ao mesmo tempo em que procede do Ajustador. A força religiosa não é produto de prerrogativas pessoais individuais, antes é, todavia, conseqüência daquela co-participação sublime que o homem tem junto à fonte perene de toda a sabedoria. Assim, as palavras e os atos da religião verdadeira e impoluta, na sua pureza original, tornam-se de uma autoridade irresistível perante todos os mortais esclarecidos.

102:2.3 (1119.8) Difícil é identificar e analisar os fatores de uma experiência religiosa, mas não é difícil observar os praticantes religiosos vivendo e perseverando como se estivessem já em presença do Eterno. Os crentes reagem a esta vida temporal como se a

imortalidade estivesse já nas suas mãos. Nas vidas desses mortais, há uma originalidade convincente e uma espontaneidade de expressão, que, para sempre, os destaca dos seus semelhantes que, nada mais absorveram do que a sabedoria sobre este mundo. As pessoas religiosas parecem viver emancipadas e livres efetivamente da pressa da usura e da tensão penosa das vicissitudes inerentes às correntes seculares do tempo; elas demonstram uma estabilidade de personalidade e uma tranqüilidade de caráter não explicada pelas leis da fisiologia, nem da psicologia, nem da sociologia.

102:2.4 (1120.1) O tempo é, invariavelmente, um elemento necessário para conseguir-se o conhecimento; a religião torna esses dons imediatamente disponíveis, se bem que haja o importante fator que é o crescimento na graça, o avanço definitivo, em todas as fases da experiência religiosa. O conhecimento é uma busca eterna, vós estais sempre aprendendo, mas nunca vos tornareis capazes de alcançar o conhecimento pleno da verdade absoluta. No conhecimento apenas, não pode haver jamais nenhuma certeza absoluta, apenas uma probabilidade crescente de aproximação; mas a alma religiosa com iluminação espiritual *sabe*, e sabe *agora*. E, ainda, essa certeza profunda e evidente não conduz esse homem religioso, mentalmente sadio, a ter um interesse menor pelos altos e baixos do progresso da sabedoria humana, que está ligada estreitamente à sua finalidade material e aos desenvolvimentos lentos da ciência.

102:2.5 (1120.2) Mesmo as descobertas da ciência não são verdadeiramente *reais* na consciência da experiência humana, até que sejam elucidadas e correlacionadas, até que os seus fatos mais

relevantes se tornem realmente *significativos*, por meio da sua colocação nos circuitos das correntes de pensamento da mente. O homem mortal vê, até mesmo o seu meio ambiente físico, de um nível mental, a partir da perspectiva dos registros psicológicos desse nível mental. E, portanto, não é estranho que o homem empreste ao universo uma interpretação altamente unificada e então busque identificar essa unidade de energia da sua ciência com a unidade espiritual da sua experiência religiosa. A mente é unidade; a consciência mortal vive no nível da mente e percebe as realidades universais pelos olhos das faculdades com as quais a sua mente está dotada. A perspectiva mental não alcança a unidade existencial da fonte da realidade, a Primeira Fonte e Centro, mas ela pode, e algumas vezes irá, retratar para o homem a síntese experiencial da energia, da mente e do espírito no Ser Supremo e como Ele. A mente, porém, não pode jamais obter êxito nessa unificação das diversidades da realidade, a menos que tal mente esteja firmemente consciente das coisas materiais, dos significados intelectuais e dos valores espirituais; a unidade existe apenas na harmonia da triunidade da realidade funcional, e apenas na unidade existe a satisfação da personalidade quanto à realização da constância e da coerência cósmica.

102:2.6 (1120.3) É por meio da filosofia que a unidade fica mais bem localizada na experiência humana. E, ainda que o corpo do pensamento filosófico deva estar sempre baseado em fatos materiais, a alma e a energia da verdadeira dinâmica filosófica são um discernimento espiritual dos seres mortais.

102:2.7 (1120.4) O homem evolucionário não tem um prazer natural com o trabalho pesado. Na sua experiência de vida, acompanhar os passos das demandas impulsoras e da pressão das necessidades da experiência religiosa crescente significa manter uma atividade incessante de crescimento espiritual, manter a expansão intelectual, o desenvolvimento factual e o serviço social. Não existe religiosidade real separada de uma personalidade altamente ativa. E é por isso que os mais indolentes dos homens sempre buscam escapar dos rigores das verdadeiras atividades religiosas, por meio de uma espécie engenhosa de auto-enganação, recorrendo ao abrigo falso das doutrinas e dogmas religiosos estereotipados. A verdadeira religião, entretanto, está viva. A cristalização intelectual dos conceitos religiosos é equivalente à morte espiritual. Vós não podeis conceber uma religiosidade sem idéias, mas, quando a religião fica reduzida a uma *idéia* apenas, não é mais uma religião; transformou-se meramente em uma espécie de filosofia humana.

102:2.8 (1121.1) E, ainda, existem outros tipos de almas instáveis e mal disciplinadas que usariam as idéias sentimentais da religiosidade como uma forma de escapar das exigências irritantes da vida. Quando alguns mortais vacilantes e acanhados querem escapar da pressão incessante da vida evolucionária, a religião, do modo como eles a concebem, parece apresentar o refúgio mais ao seu alcance, o melhor caminho de fuga. Contudo, a missão da religião é preparar o homem para enfrentar, com valentia, e até mesmo com heroísmo, as vicissitudes da vida. A religião é o dom supremo do homem evolucionário, é aquela coisa que o capacita a prosseguir e a “resistir,

como se estivesse vendo-O, a Ele que é invisível”. O misticismo, contudo, muitas vezes é algo como um refúgio da vida e é adotado por aqueles seres humanos que não amam as atividades mais duras de viver uma vida religiosa nas arenas abertas da sociedade e do comércio humano. A verdadeira religião deve *atuar*. A conduta será um resultado da religiosidade, quando o homem de fato estiver com ela, ou antes, quando se permitir que a religião verdadeiramente o possua. A religião nunca ficará satisfeita com o mero pensar ou com o sentimento sem atuação.

102:2.9 (1121.2) Não estamos cegos para o fato de que a religião freqüentemente atue de um modo pouco sábio, até mesmo irreligioso, mas ela *atua*. As aberrações da convicção religiosa têm levado a perseguições sangrentas, mas a religiosidade sempre faz alguma coisa: ela é dinâmica!

3. Conhecimento, Sabedoria e Discernimento Interior

102:3.1 (1121.3) A deficiência intelectual, ou a pobreza educacional, inevitavelmente é um obstáculo para o acesso a níveis religiosos mais elevados, porque o ambiente da natureza religiosa, empobrecido assim, retira a religião do seu canal principal de contato filosófico com o mundo do conhecimento científico. Os fatores intelectuais da religião são importantes, mas, igualmente, o hiper-desenvolvimento deles transforma-se, algumas vezes, em um empecilho e em um

embaraço. Uma religião deve trabalhar continuamente sob uma necessidade paradoxal: a necessidade de fazer uso efetivo do pensamento e, ao mesmo tempo, dando o desconto devido à inutilidade que é utilizar o pensamento para o fim espiritual.

102:3.2 (1121.4) A especulação religiosa é inevitável, mas é sempre nociva; a especulação invariavelmente falsifica o seu objeto. A especulação tende a transformar a religião em algo material ou humanista e, assim, ao interferir diretamente, usando a clareza do pensamento lógico a especulação leva, indiretamente, a religião a assemelhar-se a uma função do mundo temporal, aquele mesmo mundo com o qual ela deveria manter-se em perene contraste. E, portanto, a religião será sempre caracterizada por paradoxos, os paradoxos que resultam da ausência da ligação experiencial entre o nível material e o nível espiritual do universo — a mota moroncial, a sensibilidade supra-filosófica para o discernimento da verdade e para a percepção da unidade.

102:3.3 (1121.5) Os sentimentos materiais, as emoções humanas levam diretamente a ações materiais, a atos egoístas. O discernimento da visão religiosa, de motivação espiritual, conduz a ações religiosas e atos não-egoístas de serviço social e de benevolência altruísta.

102:3.4 (1121.6) O desejo religioso é a busca sedenta da realidade divina. A experiência religiosa é a realização da consciência de haver encontrado Deus. E, quando um ser humano encontra Deus, o triunfo dessa descoberta fica experienciado dentro da alma desse ser de um modo tão indescritivelmente efervescente, que ele é levado a buscar o serviço amoroso do contato com os seus semelhantes menos

iluminados, não para revelar que ele encontrou Deus, mas para consentir que o transbordamento da bondade eterna que inunda a sua própria alma refresque e enobreça os seus semelhantes. A religião real conduz a um serviço social maior.

102:3.5 (1122.1) A ciência, o conhecimento, conduz à consciência do *fato*; a religião, a experiência, conduz à consciência de valor; a filosofia, a sabedoria, leva à consciência *coordenada*; a revelação (a substituta da mota moroncial) leva à consciência da *verdadeira realidade*; enquanto a coordenação da consciência do fato, do valor, e da verdadeira realidade constitui a consciência da realidade da personalidade, do máximo do ser, junto com a crença na possibilidade da sobrevivência daquela mesma personalidade.

102:3.6 (1122.2) O conhecimento leva à classificação dos homens e origina os estratos sociais e as castas. A religião leva ao serviço dos homens, criando, assim, a ética e o altruísmo. A sabedoria leva a uma confraternização mais elevada e melhor, tanto das idéias como das pessoas. A revelação libera os homens e inicia-os na aventura eterna.

102:3.7 (1122.3) A ciência escolhe os homens; a religião ama os homens, como a vós mesmos; a sabedoria faz justiça a homens diferentes; mas a revelação glorifica o homem e demonstra a sua capacidade de ser parceiro de Deus.

102:3.8 (1122.4) A ciência esforça-se em vão para criar a irmandade da cultura; a religião traz à vida a irmandade do espírito. A filosofia busca a irmandade da sabedoria; a revelação retrata a irmandade eterna, o Corpo de Finalidade do Paraíso.

102:3.9 (1122.5) O conhecimento faz nascer o orgulho na existência da personalidade; a sabedoria é a consciência do significado da personalidade; a religião é a experiência do conhecimento do valor da personalidade; a revelação é a confirmação da sobrevivência da personalidade.

102:3.10 (1122.6) A ciência busca identificar, analisar e classificar as partes segmentadas do cosmo ilimitado. A religião capta a idéia do todo, do cosmo inteiro. A filosofia intenta identificar os segmentos materiais da ciência com o conceito do todo, efetuado pelo discernimento da clarividência espiritual. Nos pontos em que a filosofia fracassa, nessa tentativa, a revelação tem êxito, afirmando que o círculo cósmico é universal, eterno, absoluto e infinito. Esse cosmo do EU SOU Infinito é, portanto, sem fim, sem limites e todo-inclusivo — fora do tempo, do espaço e inqualificável. E nós testemunhamos que o EU SOU Infinito é também o Pai de Michael de Nébadon e o Deus da salvação humana.

102:3.11 (1122.7) A ciência indica a Deidade como um *fato*; a filosofia apresenta a *idéia* de um Absoluto; a religião visualiza Deus como uma *personalidade espiritual* de amor. A revelação afirma, no fato da Deidade, a *unidade*, a idéia do Absoluto, e a personalidade espiritual de Deus e, além disso, apresenta esse conceito como o nosso Pai — o fato universal da existência, a idéia eterna da mente, e o espírito infinito da vida.

102:3.12 (1122.8) A investigação do conhecimento constitui a ciência; a busca da sabedoria é filosofia; o amor por Deus é religião; a sede da verdade é uma revelação. No entanto, é o Ajustador do Pensamento

residente que dá o sentimento de realidade ao entendimento espiritual que o homem tem do cosmo.

102:3.13 (1122.9) Na ciência, a idéia precede à expressão da sua realização; na religião, a experiência da realização precede à expressão da idéia. Há uma diferença enorme entre a vontade de crer, do ser evolucionário, de um lado, e, do outro, o produto da razão iluminada, o discernimento religioso e a revelação — a *vontade que crê*.

102:3.14 (1122.10) Na evolução, a religião leva sempre o homem a criar os seus conceitos de Deus; a revelação mostra o fenômeno de Deus fazendo o homem evoluir por si próprio; enquanto, na vida terrena de Cristo Michael, nós contemplamos o fenômeno de Deus revelando a Si próprio ao homem. A evolução tende a fazer com que Deus se pareça com o homem; a revelação tende a fazer com que o homem seja semelhante a Deus.

102:3.15 (1122.11) A ciência só se satisfaz com as causas primeiras; a religião, com a personalidade suprema, e a filosofia, com a unidade. A revelação afirma que essas três são uma, e que todas são boas. O *eterno real* é o bem do universo, e não as ilusões temporais dos males no espaço. Na experiência espiritual de todas as personalidades, é sempre verdade que o real é o bem, e que o bem é o real.

4. O Fato da Experiência

102:4.1 (1123.1) Por causa da presença do Ajustador do Pensamento nas vossas mentes, para vós não é um mistério maior conhecer a mente de Deus do que estar seguro na consciência de conhecer qualquer outra mente, humana ou supra-humana. A religião e a consciência social têm em comum o seguinte: elas são baseadas na consciência da existência de outras mentes. A técnica por meio da qual vós podeis aceitar a idéia de alguém como sendo a vossa é a mesma pela qual vós podeis “deixar a mente que esteve em Cristo estar também em vós”.

102:4.2 (1123.2) O que é a experiência humana? É simplesmente qualquer interação entre um eu ativo e questionador, e qualquer outra realidade ativa e externa. A massa total da experiência é determinada pela profundidade do conceito mais a totalidade do reconhecimento da realidade do lado externo. A movimentação da experiência iguala-se à força da imaginação expectante, mais a acuidade da descoberta sensorial das qualidades externas da realidade contatada. O fato da experiência encontra-se na autoconsciência, mais outras existências — coisas, mentalidades e espiritualidades outras.

102:4.3 (1123.3) Muito cedo o homem torna-se consciente de que ele não está só no mundo, ou no universo, e desenvolve-se nele uma tomada de consciência natural e espontânea de outras mentes no ambiente individual. A fé traduz essa experiência natural em religião, no reconhecimento de Deus como realidade — fonte, natureza e destino — de *outra mente*. Contudo, tal conhecimento de Deus é, agora e sempre, uma realidade da experiência pessoal. Se Deus não fosse

uma personalidade, Ele não poderia ser uma parte viva da experiência religiosa real de uma personalidade humana.

102:4.4 (1123.4) O elemento de erro presente na experiência religiosa humana é diretamente proporcional ao conteúdo de materialismo que contamina o conceito espiritual feito sobre o Pai Universal. A época pré-espiritual do progresso humano no universo consiste na experiência de despojar-se dessas idéias errôneas sobre a natureza de Deus e sobre a realidade do espírito puro e verdadeiro. A Deidade é mais do que espírito, mas a abordagem espiritual é a única possível ao homem ascendente.

102:4.5 (1123.5) A oração, de fato, é uma parte da experiência religiosa, mas tem sido erradamente enfatizada pelas religiões modernas, em detrimento da comunhão da adoração, que é mais essencial. Os poderes refletivos da mente são aprofundados e ampliados pela adoração. A prece pode enriquecer a vida, mas a adoração ilumina o destino.

102:4.6 (1123.6) A religião revelada é o elemento unificador da existência humana. A revelação unifica a história, coordena a geologia, a astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a psicologia. A experiência espiritual é a alma real do cosmo do homem.

5. A Supremacia do Potencial Pleno de Propósito

102:5.1 (1123.7) Embora o estabelecimento do fato da crença não seja equivalente ao estabelecimento do fato daquilo em que se crê, contudo, a progressão evolucionária de uma simples vida até o status de personalidade demonstra bem, para começar, o fato da existência do potencial da personalidade. E, nos universos do tempo, o potencial tem sempre supremacia sobre o factual. No cosmo em evolução, o potencial é o que está para vir a ser, e o que está para vir a ser é um desdobramento dos mandados da intenção ou propósito da Deidade.

102:5.2 (1124.1) Essa mesma supremacia de propósito é perceptível na evolução da ideação da mente, quando o medo animal primitivo é transmutado em uma reverência, cada vez mais profunda, a Deus, e em uma admiração temerosa crescente pelo universo. O homem primitivo teve mais temor religioso do que fé; e a supremacia dos potenciais espirituais sobre os fatos da mente fica evidenciada quando esse medo covarde traduz-se na fé viva nas realidades espirituais.

102:5.3 (1124.2) Vós podeis elaborar uma psicologia da religião evolucionária, mas não a da religiosidade de origem espiritual, vivida na experiência pessoal. A moralidade humana pode reconhecer valores, mas apenas a religião pode conservar, exaltar e espiritualizar tais valores. E, apesar de tudo isso, a religião é algo mais do que uma moralidade emocional. A religião está para a moralidade, como o amor está para o dever, como a filiação está para a servidão, como a essência está para a substância. A moralidade revela um Controlador Todo-Poderoso, uma Deidade a quem se deve servir; a religião revela

um Pai cheio de amor, um Deus a ser amado e adorado. E, uma vez mais, isso se dá porque a potencialidade espiritual da religião predomina sobre o ato do dever, na moralidade da evolução.

6. A Certeza dada pela Fé Religiosa

102:6.1 (1124.3) A eliminação do medo religioso, concretizada pela filosofia, e o progresso firme da ciência contribuem grandemente para a mortandade dos deuses falsos; e, ainda que a perda dessas deidades criadas pelos homens possa momentaneamente nublificar a visão espiritual, ela finalmente destrói a ignorância e a superstição que há muito obscureciam o Deus vivo do amor eterno. A relação entre a criatura e o Criador é uma experiência viva, uma fé religiosa dinâmica, que não se pode sujeitar a uma definição precisa. Isolar parte da vida e chamá-la de religião é desintegrar a vida e distorcer a religião. E é exatamente por isso que o Deus merecedor da nossa adoração espera a nossa fidelidade por inteiro, ou nenhuma.

102:6.2 (1124.4) Os deuses dos homens primitivos podem ter sido nada mais do que sombras deles próprios; o Deus vivo é a luz divina cujas interrupções geram as sombras da criação do espaço inteiro.

102:6.3 (1124.5) A pessoa religiosa de algum alcance filosófico possui fé em um Deus pessoal de salvação pessoal, em algo mais do que uma realidade: um valor, um nível de realização, um processo elevado, uma transmutação última no tempo-espaço, uma idealização, uma

personalização da energia, uma entidade da gravidade, uma projeção humana, a idealização do eu, um impulso elevador da natureza, a inclinação para o bem, o impulso que leva a evolução adiante, ou uma hipótese sublime. O religioso tem fé em um Deus de amor. O amor é a essência da religião e a fonte infalível da civilização superior.

102:6.4 (1124.6) Na experiência religiosa, a fé transforma o Deus filosófico da probabilidade no Deus da certeza salvadora. O ceticismo pode desafiar as teorias da teologia, mas a convicção de que se pode ter segurança na experiência pessoal afirma a verdade daquela crença que se ampliou até a fé.

102:6.5 (1124.7) As convicções sobre Deus podem ser alcançadas por meio do raciocínio sábio, mas os indivíduos tornam-se conhecedores de Deus apenas pela fé, por meio da experiência pessoal. Para muitas coisas da vida, deve-se contar com a probabilidade, mas, ao contatar a realidade cósmica, uma certeza pode ser experienciada, quando tais significados e valores são abordados pela fé viva. A alma que conhece a Deus ousa dizer: “eu conheço”, mesmo quando esse conhecimento de Deus é questionado pelo descrente que nega essa certeza, porque não é totalmente consubstanciada pela lógica intelectual. Para cada um desses incrédulos, o crente apenas responde: “Como sabes tu que eu não sei?”

102:6.6 (1125.1) Embora a razão possa questionar a fé, a fé sempre pode suplementar tanto a razão quanto a lógica. A razão cria a probabilidade de que até mesmo uma experiência espiritual possa

ser transformada em uma certeza moral pela fé. Deus é a primeira verdade e o último fato; e, portanto, toda a verdade tem origem Nele, e todos os fatos existem em relação a Ele. Deus é a verdade absoluta. Pode-se conhecer a Deus como verdade, mas, para compreender — para explicar — a Deus, deve-se explorar o fato da existência do universo dos universos. O imenso abismo entre a experiência da verdade da existência de Deus e a ignorância dessa existência factual pode ser vencido apenas por meio da fé viva. A razão apenas não pode estabelecer a harmonia entre a verdade infinita e o fato universal.

102:6.7 (1125.2) A crença pode não ser capaz de resistir à dúvida, nem de suportar o medo, mas a fé é triunfante sempre sobre a dúvida, pois a fé é não apenas positiva, como também é viva. O que é positivo tem sempre vantagem sobre o negativo, a verdade sobre o erro, a experiência sobre a teoria, as realidades espirituais sobre os fatos isolados do tempo e do espaço. A prova convincente dessa certeza espiritual consiste nos frutos sociais do espírito, que os crentes, os homens de fé geram, como resultado dessa experiência espiritual genuína. Disse Jesus: “Se vós amardes os vossos semelhantes como eu vos amei, então todos os homens saberão que vós sois discípulos meus”.

102:6.8 (1125.3) Para a ciência, Deus é uma possibilidade; para a psicologia, uma coisa desejável; para a filosofia, uma probabilidade; e para a religião, uma certeza, um fato experiencial na religiosidade. A razão requer que uma filosofia que não pode encontrar o Deus da

probabilidade deva ter bastante respeito pela fé religiosa que é capaz de encontrar o Deus da certeza, e o encontra. E a ciência não deveria desdenhar a experiência religiosa pelo seu aspecto de credulidade, pelo menos enquanto a ciência persiste em supor que a dotação intelectual e filosófica do homem proveio de inteligências que diminuíem à medida que se retroage até o passado remoto, finalmente, tendo origem na vida primitiva, que era totalmente desprovida de qualquer pensamento e de qualquer sentimento.

102:6.9 (1125.4) Os fatos da evolução não devem ser colocados contra a verdade de que a experiência espiritual da vida religiosa de um mortal conhecedor de Deus traga em si uma certeza e seja uma realidade. Os homens inteligentes deveriam cessar de raciocinar como crianças e tentar usar uma lógica adulta consistente, lógica esta que tolera conceitos da verdade, ao longo da observação do fato. O materialismo científico atinge a própria falência, quando persiste, em face de cada fenômeno que se repete no universo, em basear as suas objeções atuais em uma comparação do que é reconhecidamente mais elevado, referindo-o ao que é reconhecidamente inferior. A coerência requer o reconhecimento das atividades de um Criador com um propósito.

102:6.10 (1125.5) A evolução orgânica é um fato; a evolução com um propósito, ou progressiva, é uma verdade que torna consistentes os fenômenos contraditórios, de outro lado, das realizações cada vez mais ascendentes da evolução. Quanto mais rápido for o progresso de qualquer cientista, na ciência que escolheu, tanto mais ele abandonará as teorias materialistas do fato, em favor da verdade

cósmica do predomínio da Mente Suprema. O materialismo deprecia a vida humana; o evangelho de Jesus eleva tremendamente e exalta supernamente cada mortal. A existência mortal deve ser visualizada como consistindo da experiência misteriosa e fascinante da realização da realidade da tentativa humana de alcançar acima e da mão divina realizando a salvação abaixo.

7. A Convicção Provida pelo Divino

102:7.1 (1126.1) O Pai Universal, existindo por Si próprio, também Se explica por Si próprio; Ele de fato vive em cada mortal racional. Vós, porém, não podeis estar seguros sobre Deus a menos que O conheçais; a filiação é a única experiência que torna certa a paternidade. O universo está sofrendo alterações em todas as suas partes. Um universo em mudança é um universo dependente; tal criação não pode ser nem final nem absoluta. Um universo finito é totalmente dependente do Último e do Absoluto. O universo e Deus não são idênticos; um é a causa, o outro é o efeito. A causa é absoluta, infinita, eterna e imutável; o efeito é tempo-espacial e transcendental, mas está sempre em mudança, sempre em crescimento.

102:7.2 (1126.2) Deus é o único fato no universo que causou a Si próprio. Ele é o segredo da ordem, do plano e do propósito de toda a criação de coisas e seres. O universo em total mudança é regulado e estabilizado por leis absolutamente imutáveis, pelos hábitos de um

Deus imutável. O fato de Deus, ou a lei divina, é imutável; a verdade de Deus, a sua relação com o universo, é uma revelação relativa, que é sempre adaptável ao universo em constante evolução.

102:7.3 (1126.3) Aqueles que inventam uma religião sem Deus são como aqueles que querem colher os frutos sem as árvores, ter os filhos sem os pais. Vós não podeis ter efeitos sem causas; apenas o EU SOU existe sem causa. O fato da experiência religiosa implica um Deus, e um Deus assim de experiência pessoal deve ser uma Deidade pessoal. Vós não podeis orar para uma fórmula química, suplicar a uma equação matemática, adorar uma hipótese, confidenciar a um postulado, comungar com um processo, servir a uma abstração, ou manter um companheirismo amoroso com uma lei.

102:7.4 (1126.4) É verdade que muitos traços aparentemente religiosos podem surgir de raízes não religiosas. O homem pode, intelectualmente, negar a Deus e ainda ser moralmente bom, leal, filial, honesto e até mesmo idealista. O homem pode enxertar muitos ramos puramente humanistas à sua natureza espiritual básica e assim, aparentemente, provar a sua argumentação em favor de uma religião sem Deus, mas tal experiência é desprovida de valores de sobrevivência, de conhecimento de Deus e de ascensão a Deus. Em uma experiência mortal, como essa, apenas os frutos sociais são colhidos, não os espirituais. O enxerto determina a natureza da fruta, não obstante o sustento para a vida ser retirado das raízes do dom divino original, tanto da mente quanto do espírito.

102:7.5 (1126.5) O sinal intelectual de identificação da religiosidade é a certeza; a característica filosófica é a coerência; os frutos sociais são o amor e o serviço.

102:7.6 (1126.6) O indivíduo que é sabedor de Deus não é um cego para as dificuldades, nem um desatento aos estorvos nos quais esbarra no caminho de encontrar Deus, em meio à ilusão da superstição, da tradição e das tendências materialistas dos tempos modernos. Ele deparou com todas essas ameaças e triunfou sobre elas, superou-as pela fé viva, e alcançou as terras altas da experiência espiritual, a despeito delas. No entanto, é verdade que muitos que estão interiormente seguros de Deus temem afirmar esses sentimentos de certeza, por causa da multiplicidade e esperteza daqueles que reúnem objeções para amplificar as dificuldades de se acreditar em Deus. Não é necessária nenhuma grande profundidade de intelecto para reparar em pontos fracos, para fazer perguntas, ou levantar objeções. Em contrapartida, contudo, é necessário um certo brilho mental para responder a essas colocações e para resolver essas dificuldades; a certeza da fé é a melhor técnica para lidar com todas essas argumentações superficiais.

102:7.7 (1127.1) Se a ciência, a filosofia ou a sociologia ousarem ser dogmáticas, ao argumentarem com os profetas da religião verdadeira, então os homens sabedores de Deus deveriam responder a um tal dogmatismo injustificado com aquele dogmatismo, de visão mais ampla, proveniente da segurança da experiência espiritual pessoal: “eu sei o que experimentei, porque sou um filho do EU

SOU”. Se a experiência pessoal de um homem de fé for desafiada pelo dogma, então esse filho, nascido pela fé, do Pai experienciável, pode responder àquele dogma incontestável com a afirmação da sua filiação real ao Pai Universal.

102:7.8 (1127.2) Somente uma realidade inqualificável, um absoluto, poderia ousar ser dogmático de um modo coerente. Aqueles que assumem ser dogmáticos devem, se coerentes, mais cedo ou mais tarde, ser lançados nos braços do Absoluto da energia, do Universal da verdade e do Infinito do amor.

102:7.9 (1127.3) Se as abordagens, feitas pelo não-religioso, da realidade cósmica presumem desafiar a certeza da fé, nos campos do seu status de não-comprovada, então, aquele que experiencia o espírito pode, do mesmo modo, recorrer ao desafio dogmático dos fatos da ciência e das crenças da filosofia nos terrenos em que estes são, do mesmo modo, não comprovados; pois eles são, do mesmo modo, experiências na consciência do cientista ou do filósofo.

102:7.10 (1127.4) Sobre Deus, a mais inescapável de todas as presenças, o mais real de todos os fatos, a mais viva de todas as verdades, o mais pleno de amor de todos os amigos e o mais divino de todos os valores, nós temos o direito de tê-Lo como na conta da mais certa de todas as experiências do universo.

8. As Evidências Dadas Pela Religião

102:8.1 (1127.5) A mais elevada evidência da realidade e eficácia da religião reside no *fato da experiência humana*; isto é, está no fato de que o homem, naturalmente temeroso e cheio de suspeitas, dotado inatamente com um instinto forte de autopreservação e aspirando à sobrevivência depois da morte, esteja disposto a confiar plenamente os seus mais profundos interesses do presente e do futuro á guarda e direção do poder da pessoa designada pela sua fé como sendo Deus. Esta é a verdade central de toda a religião. Quanto ao que aquele poder ou pessoa exige do homem, em troca dessa guarda e da salvação final, não há duas religiões que concordem nesse ponto; de fato, todas elas são mais ou menos discordantes.

102:8.2 (1127.6) Com respeito ao status de qualquer religião, na escala evolucionária, ela pode ser mais bem analisada segundo os seus julgamentos morais e pelos seus padrões éticos. Quanto mais elevado for o tipo de uma religião, mais ela encoraja e é encorajada por uma moralidade social e uma cultura ética que estão constantemente em progresso. Nós não podemos julgar a religião pelo status da civilização que a acompanha; seria melhor que estimássemos a natureza real de uma civilização, pela pureza e nobreza da sua religião. Muitos dos mais notáveis entre os instrutores religiosos do mundo eram virtualmente iletrados. A sabedoria mundana não é necessariamente um exercício de fé salvadora nas realidades eternas.

102:8.3 (1127.7) A diferença entre as religiões de várias épocas depende totalmente das diferentes compreensões que o homem tem da realidade e dos diferentes reconhecimentos que ele tem dos valores morais, das relações éticas e das realidades espirituais.

102:8.4 (1127.8) A ética é o espelho social ou racial eterno em que se reflete fielmente o progresso, inobservável de outra maneira, nos desenvolvimentos da espiritualidade e religiosidade interiores. O homem sempre pensou em Deus nos termos do melhor que ele conhece, das suas idéias mais profundas e dos ideais mais elevados. Mesmo a religião histórica sempre criou as suas concepções de Deus a partir dos seus valores reconhecidamente mais elevados. Toda criatura inteligente dá o nome de Deus à melhor e mais elevada coisa que conhece

102:8.5 (1128.1) A religião, quando reduzida aos termos da razão e expressão intelectual, tem sempre ousado criticar a civilização e o progresso evolucionário, julgando-os segundo os seus próprios padrões de cultura ética e de progresso moral.

102:8.6 (1128.2) Embora a religião pessoal preceda à evolução da moral humana, lamentavelmente, registra-se que a religião institucional tem-se atrasado invariavelmente, ficando atrás até mesmo dos costumes mutáveis das raças humanas. A religião organizada tem demonstrado ser conservadoramente tardia. Os profetas, em geral, têm conduzido o povo a desenvolvimentos religiosos; os teólogos, em geral, o têm mantido na retaguarda. A religião, sendo uma questão de experiência interior ou pessoal, nunca pode desenvolver-se muito avançadamente à frente da evolução intelectual das raças.

102:8.7 (1128.3) Entretanto, a religião nunca é engrandecida por um apelo àquilo que é considerado miraculoso. A busca dos milagres é um recuo de volta às religiões primitivas da magia. A verdadeira religião nada tem a ver com supostos milagres, e a religião revelada

nunca apontou os milagres como sendo comprovação de autoridade. O ato religioso está ancorado e enraizado sempre na experiência pessoal. E a vossa mais elevada religião, a vida de Jesus, foi exatamente uma experiência pessoal: o homem, o homem mortal, buscando a Deus e encontrando-O na plenitude, durante uma curta vida na carne, enquanto, na mesma experiência humana, surgiu Deus buscando o homem e encontrando-o para a plena satisfação da alma perfeita da supremacia infinita. E isto é religião, sendo mesmo a mais elevada religião já revelada no universo de Nébadon — a vida terrena de Jesus de Nazaré.

102:8.8 (1128.4) [Apresentado por um Melquisedeque de Nébadon.]